

CARRINHO (D)E BONECA

Coordenador: ALINE LEMOS DA CUNHA DELLA LIBERA

Introdução: O título da proposta "Carrinho (d)e Boneca" apresenta, através de um jogo de palavras, o mote principal desta ação extensionista. Pode ser lido como: "Carrinho e boneca" referindo-se a divisão sexual das brincadeiras e brinquedos na infância. Por outro lado, por poder ser compreendido como "Carrinho de Boneca" faz uma alusão a uma das brincadeiras que historicamente tem sido destinada às meninas, na promoção de um papel determinado na sociedade (mãe e esposa) o qual não é experimentado pelos meninos. Também caracteriza a ideia de que é no âmbito familiar, na relação entre mães e filh@s, que estas naturalizações podem ser problematizadas. Esta proposta tem como fomento inicial, falas cotidianas que afirmam que "as mulheres reproduzem o machismo porque são elas que educam as crianças". Consideramos esta uma visão estreita e tendenciosa do papel de "mães-mulheres", no momento em que atribui apenas às mulheres a disseminação e naturalização de relações de poder que as oprimem. A partir da problematização destes discursos, bem como do lugar quase único das "mães-mulheres" na educação das crianças, propõe-se esta ação. Outrossim, cabe dizer que não é ignorado o fato de que, na infância, muitos conceitos e estereótipos sobre o feminino e seus possíveis lugares sociais, cristalizam-se. Acreditando que vivenciamos "condicionamentos" que podem ser problematizados e superados, propomos um diálogo com a infância que possa, inclusive, gerar contrapontos aos discursos naturalizados no cotidiano familiar. Pensamos que, além da problematização feita com as mulheres na OnG Maria Mulher, cabe este momento com "suas" crianças, em rede. Esta proposta de ação extensionista está vinculada a um projeto de pesquisa que vem sendo realizado com mulheres da Vila Cruzeiro, que frequentam a OnG - Maria Mulher-, denominado: "Justiça com as próprias mãos": grupos de discussão e trabalhos manuais com mulheres negras atendidas pela "Maria Mulher" - os limites da/na legislação e a possibilidade de construir coletivamente alternativas viáveis para a superação de situações de opressão". Estas mulheres, por sua vez, não tinham com quem deixar seus filhos, desta forma não iam às discussões ou acabavam levando-os nos encontros. Com a presença das crianças nestes momentos, acabavam dispersando-se nas discussões, pois tinham que dar atenção às crianças. Desta forma temos como objetivo geral: Promover atividades com os filhas e filhos de mulheres que integram os grupos familiares da OnG Maria Mulher na Vila Cruzeiro, envolvendo jogos, leituras e brincadeiras que busquem problematizar as relações desiguais

entre os sexos. E como objetivos específicos: Realizar atividades de leitura de livros que contribuam para a problematização dos lugares/papéis sociais de meninas e meninos; Promover atividades com jogos teatrais que contribuam no questionamento dos lugares/papéis sociais de meninas e meninos; Criar um espaço para a criação de jogos, brincadeiras e histórias que promovam equidade na relação entre meninos e meninas; Questionar com as crianças o determinismo cultural que separa o que "é de menino" e o que "é de menina"; Promover um espaço para o exercício de relações mais equitárias entre meninos e meninas; Buscar a construção de um ambiente em que meninos e meninas possam questionar a naturalização de relações desiguais entre homens e mulheres. Utilizamos como metodologia desta ação, uma vez por semana duas bolsistas de extensão realizam na sede da OnG, o encontro com as crianças. As atividades são elaboradas em um planejamento previamente discutido e orientado pela professora coordenadora do projeto. Com os participantes, são realizados jogos, oficinas culinárias, além de serem realizadas "Horas do Conto". Procura-se variar as atividades para que haja um melhor aproveitamento e envolvimento das crianças, para que possam ser experienciados diversos materiais e propostas. Dispomos, como recursos didáticos: jogos confeccionados pelas extensionistas, livros de literatura infantil, balões, lápis de cor, canetas hidrocor, tinta, folhas A4, papel cartaz, dentre outros. Disponibilizamos de um espaço na sede da OnG, onde ocorrem as oficinas. A sala é pequena e pouco iluminada. Apresenta cores escuras, com algumas manifestações de arte das crianças que estiveram em outros projetos da instituição. Há estantes, cadeiras, duas mesas e uma pia. Aos poucos, vamos otimizando o espaço. Durante nossas tardes, costumamos fazer uma atividade inicial que sirva de base para desenvolvermos as demais. Ao final de cada encontro procuramos, junto com as crianças, retomar as atividades que mais gostaram e as que menos gostaram, a fim de rever nosso planejamento e propor novas ideias. O primeiro encontro realizou-se dia 28 de abril de 2011. No primeiro momento, tivemos uma conversa informal com as mulheres que participam do "grupo de família" (atividade realizada pela OnG), apresentando a proposta de pesquisa e de extensão. Assim, reiteramos o convite para outras crianças da comunidade, salientando que também poderiam participar desde que suas mães estivessem participando da reunião. Conclusão Na condição de Pedagogas em formação, percebemos a necessidade de que sejam trabalhadas questões de gênero com as crianças desde pequenas, pois é fundamental que possamos problematizar as relações desiguais entre os sexos que gera violência e discriminação. Pensamos em problematizar com as crianças que as características fisiológicas não são determinantes, pois as oportunidades devem ser oferecidas para ambos os sexos. Também

levamos em consideração os aspectos ligados à etnia. Achamos que os encontros, além de promover a socialização, estimulam aquelas crianças a pensarem em seus lugares de gênero e etnia, na sociedade em que vivemos. Como estamos no início da ação, podemos expressar algumas considerações iniciais: estas crianças, moradoras da periferia de Porto Alegre, algumas com cinco anos de idade, não frequentam a Educação Infantil e ainda, algumas que frequentam a escola, faltam e acompanham suas mães durante a tarde. Nas crianças que já estão na escola, pode-se perceber que já possuem uma maior compreensão das "distinções" entre meninos e meninas. Talvez isto aconteça, pois ocorre uma série de demarcações por sexo nesta instituição (por exemplo, filas de meninos e meninas, brincadeiras separadas por gênero, cores distintas focalizadas no rosa e azul). Também é importante salientar que, por vezes, as crianças que participam da ação e frequentam a escola, tem dificuldades de aceitar que meninos podem usar cabelo comprido, brincos, roupas vermelhas e amarelas, delimitando estas características exclusivamente para meninas.